

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

# O PENSADOR

## ORGÃO DOS INTERESSES DA SOCIEDADE MODERNA

—El seu tem como propósito fundamental, e circumscrever, não, nem doutrina, in seipsum hominem, in adueta ad circumstantiam errores.

—(S. Paulo, al. Ribeiro, Epistola Cap. V, n. 15)

EBUC — HA.  
Biblioteca Pública  
"Eduardo Leite"

Maranhão, 10 de Outubro de 1880

Propriedade de uma associação

### O PENSADOR

MARANHÃO, 10 DE OUTUBRO DE 1880.

A impostura sacerdotal é o verme que, ha seculos, dilacora o seio da humanidade. Lança o mais longe que pudesdes a vista sobre a historia. Nella vereis o sacerdote sempre reinando. E reinando como? Pela impostura, pela fraude, pela abjeção!

O sacerdote! Ah! eis no passado e no presente o pesadelo da consciencia humana. Elle—o grilhão beturante da razão; elle—a algema continua da liberdade; elle—o carrasco do pensamento, elle, finalmente, é a immensa sombra lançada, projectada, n'esse plano de luz onde caminharam, onde caminhão, e para onde marcham as gerações.

Nasceu no dia fatalmente. Nasceu como nasce a planta parasita que de outra ante a seiva. Teve por principio fermentado o erro. Teve para sede de desenvolvimento esse grande vegetal—a humanidade. Cresceu a sombra d'essa grande arvore. Enroscou-a nas suas voltas apertadas. Alimentou-se com o succo nutritivo das alheias raizes. Substituiu-lhe a folhagem viridente pelas suas folhas mirradas e sem brilho. Fez parar a circulação do grande boabab e ameaçou-o até a morte.

De morte?—Sim—de morte. E matar a humanidade o fôr-lhe a consciencia. E supprimit-lhe a vida o decapar-lhe a a razão. É torrá-la cadáver o dar-lhe para lei o absurdo. É abrir-lhe um tumulo o negar-lhe a liberdade. É mata-la, enfim, o trabalho inqúeto de manobrar a escravidão moral—a peor das escravidões!

E este trabalho de aniquilamento, eis o trabalho do sacerdote em todos os tempos. A sua unica aspiração fôr transformar o homem em cadáver. O sacerdote é como os vermes. Os vermes amam os cadáveres. O cadáver—eis o que devoram os vermes. A humanidade—eis o que ha devorado o sacerdote.

E o verme segue uma lei—a da natureza. E o sacerdote só tem uma—a da maldade. Um trabalha na grande obra da transformação dos seres. O outro vem desorganisar o movimento evolutivo das gerações. Um—é uma necessidade cosmica. O outro—um canero que é preciso extirpar. Um—ataca—os mortos para transformal-os em novos entes animados de vida. O outro—ataca os vivos para transformal-os em mortos.

Oh! extirpai o canero. Arranca-o do seio da humanidade. Vós que pensais, vós que amais, vós que sentis, affastai esta sombra negra do céu do genero humano. Supprimi o sacerdote como se supprime o mal. Matai essa individualidade para que ella não sirva na historia do porvir. Fazei desapparecer esse vilto para que elle não enlute os sonhos de nossos

filhos. Matai o espirito sacerdotal para que o homem possa viver. Mata-o para que a humanidade possa ser livre!

Ah! se o não conheceis bem olhai para o vosso passado. Folhei a historia. Vêde o que elle fez, e negar-lhe-heis todo perdão. Vêde como elle foi cruel, covarde, até cannibal, e vós trabalhareis para livrar as gerações futuras d'este pesadelo.

Quando a nós, vamos hoje apenas narrar-vos um facto. Um acontecimento que enlutou a Europa. Uma astucia que lostrou o genero humano. Uma impostura religiosa que assolou um continente.

Vamos fallar do anno 1000.

Ouví-nos se quereis saber aonde chegou a astucia, a maldade do sacerdote.

—Que sacerdote?

O sacerdote romano. Só elle poderia transformar os homens em canibales!

Ha um livro que serve de appeso aos Evangelhos e ás Epistolas dos Apóstolos. É o Apocalypse de S. João. Producto híbrido de uma imaginação enferma, esse livro é a synthese de todas as loucuras a que pode attingir a aspiração religiosa que tem o absurdo por base.

É uma obra incomprehensivel. Vasto delirio onde se perdem os mais intelligentes exploradores. Ali tudo é treva—nada de luz. Tudo ali é sombrio, escuro, como a abadada de um carcere. Não ha intelligencia que penetre nos meandros d'aquella escuridão.

Hoive um dia um homem de genio que procurou sondar-lhe os mysterios. Este homem fôr Newton, o inventor da lei d'attracção universal. Nada conseguiu se não machucar com destyrios a gloria que alcançara. Elle que comprehendera o Universo, elle que vinha fazer na sciencia uma revolução, succumbiu ante o trabalho titanico de procurar a verdade no seio do absurdo. Elle sabia ler no livro do Universo. Elle não comprehendia nem uma pagina d'um livro de religião. Elle podia abraçar a verdade, mas, ah! elle jamais entendera o absurdo.

É este livro que Isaac Newton não comprehendendo, este livro fôr um dos maiores algozes que tem tido a humanidade. Este livro que tem apenas centenas de paginas, fez morrerem a fome milhões de homens. Este livro, enfim, punido pela demencia, fôr a origem da maior demencia de que nos falla a historia—o fim do Mundo.

O fim do Mundo! Sabeis o que é o fim do Mundo! Ah! é uma pagina execranda da vida da humanidade. É um dos paragraphos d'esse livro de luto que se chama—idade media. É um padão da eterna vergonha da razão. É um monumento da astucia d'essa ave de rapina—sacerdote romano. É uma d'essas corvoas manchadas do sangue com que a Igreja orna a sua frente. É o cumulo da maldade,

da torpeza, da fraude, do dolo, da abjeção d'esses homens que pregavam em nome do Christio, d'esses homens que se diziam os depositarios das sagradas ideias do Evangelho.

E toda esta maldade, toda esta torpeza, toda esta fraude, todo este dolo, toda esta abjeção, a humanidade deve-a ao Apocalypse. Foi n'esse livro nefando que a Igreja encontrou a nima propheticia, o pretexto para roubar os fructos do alheio trabalho. Foi nesse livro nefando, que o sacerdote romano belcou a astucia com que delapidou ao homem. Foi nas paginas d'esse livro de absurdos, que o povo, esse ente que cre' em toda a falsidade, abriu a convicção d'esse—fim do Mundo—terrivel, que tantos prantos, tantos snores, tanto sangue lhe custou!

Vós que tendes filhos, não os deixeis luar n'esse livro infame sellado com as torturas da humanidade. Não os deixeis ler essas paginas, escriptas e horriífadas ha nove seculos com sangue. Afastai esse assassino, um dos maiores assassinos que a humanidade tem tido. Que as gerações futuras não possam ver esse phantasma que fez seus avós morrerem a fome nas garras da Igreja.

Lançai para longe o Apocalypse. Elle fôr o mais horriovel instrumento de que se serviu o padre romano.

O instrumento era digno do braço.

A idade media é a epocha da fundação de uma das maiores calamidades que tem affligido os povos—os conventos ou comunidades religiosas.

O convento é um flagello. Um dos maiores que têm surgido. É a deificação da ociosidade. A comunidade religiosa é um escuro nas faces do trabalho. Encerrar homens ou mulheres em claustro para os tornar improductivos, é querer entorpecer o desenvolvimento progressivo da especie humana. Quando a ociosidade é virtude, quando a inutilidade se torna um braço, é que se pretende virtynicamente nas faces do mundo inteiro.

A idade media é a epocha das comunidades. Nella o padre romano criou o frade e a freira. Dois abortos tremendos que abstrorram o trabalho productivo de milhões de homens. Dois seres que a pretexto d'isolamento, viviam na erupção, na devassidão e no escarnio de tudo o que pode haver de nobre sobre a terra.

Frade e freira! Dois nomes sinistros com que se enudariam os descendentes de Calígula e de Messalina! Dois titulos com que se acobertaram os scyphiántas, no seio da ocin, devoravam o alimento que faltava à parca meza do servo. Duas entidades execrandas, como todos os entes que tem sido dados à luz por esse monstro que se chama—Igreja Romana.

Conventos! Oh! vós não podeis bem

comprender o que elles foram. A noite do passado occulta-os a vossos olhos. Vós não podeis saber bem que associação perversa era a desses homens que abandonando o mundo viviam só para ser o flagello do mundo. Vós não podeis comprehender essas comunidades de mulheres que, a pretexto de conservar a virgindade, encerravam-se n'um mosteiro para realisar devassidões inauditas que a pena recusa descrever, que os ovidos estremecem de ouvir. Conventos?—Dizei antes os prostítutos da idade media. Dizei antes a casa de commercio vergonhoso em que tudo se vendia. Honra, dignidade, virtude, virgindade, tudo n'esses mosteiros execrands era apenas um pretexto para satisfazer a gula, a avareza, a luxuria requintada d'esses homens, d'essas mulheres, que tinham feito o voto de se consagrar ao Senhor. Ao Senhor!? Ah! era a lama que o vicio atravez de alguns seculos atirava ao rosto puro do virtuosio martyr do Gólgatha!...

É o convento quem domina, quem governa, quem de tudo dispõe na idade media. Filho directo do papado, elle era a violeta collocada entre a Igreja e os povos. Encarregado de controlar, de vigiar as nações, elle magistralmente desempenhou a sua missão.

Foi elle que deu curso à propheticia do Apocalypse.

Elle precisava crescer pela fraude.

Foi o convento quem se encarregou de pregar a *fin do Mundo*. Foi elle que no decimo seculo representou com summa intelligencia o papel de rapina que a Igreja lhe delimitara.

O convento é uma associação de homens que vivem do trabalho alheio. Absorve quando os povos produzem. Estomago immenso elle digera os fructos dos snores da humanidade para transformal-os em vicios, em erupção, em escravidão. Malhestrom enorme que tudo engolfa no seio elle tem por forças de atracção a hypocrisia que s' esconde no lauro, e a ociosidade que se refugia atraz do pretexto—adorar a Deus.

É a comunidade que precisava engrandecer-se na idade media, a comunidade religiosa que ainda mais queria absorver, lembrou-se de aproveitar as boas propheticas do Apocalypse. Olhai para o povo, e vão-o embrutecido e fanatizo. Olhai para os reis e vós os fracos e despresivos. Ameaçou-os a ambos com o anno 1000. Oh! n'esse anno acabariam decreto todas as alegrias da terra. N'esse anno ia a humanidade succumbir. N'esse anno seriam julgados os justos e os maos, e o proprio Christo baixaria dos ceos para assistir a esse terrivel julgamento, a essa horriovel ressurreicção! Satan seria primeiramente desencadeado sobre a terra e a Igreja co-

meçava a desmazelada as suas vis e infames astúcias...

E o povo—o povo sempre parvo e cretado—deu crédito a esta tremenda ficção com que se queria roubar-o! O povo os reis, os tyrannos até, entregaram-se a olhos fechados nos braços da rapina. Senhores, feudais, vassallos e servos, todos acreditaram n'essa enorme impostura. Os ricos—deram seus bens à Igreja—aos conventos. Os servos—esses julgando trabalhar pela ultima vez, resignaram-se a accesar momentaneamente a escravidão.

E o convento cresceu e prosperou. E os povos despiram-se de tudo para tudo dar à Igreja. Deixaram de cultivar a terra porque era desnecessario. De que servia trabalhar se o mundo breve fundava?... De que servia cancear-se se o grande descaço aproximava-se? De que serviam propriedades se o tumulto breve as vinha roubar?! De que servia pensar se o pensamento ia extinguir-se no fim d'esses mil annos de que fallara o Apocalypse?!

E a frade no fundo da sua cela radeado de muretrizes, ria, ria, d'este emburçamento geral... E o Papa do alto de seu throno de sangue gargalhava ao ver até onde chegara o poderio do sacerdote romano... E as nações pallidas e trepidas sentindo-se já regeladas pelo frio da morte, esperavam ansiosas que o anno 1000 surgisse!

E surgiu. Surgio risonho sem que uma sombra lhe enlutasse o ceo. Surgio esplendido de sol e de luz. O sol vinha aluziar a abjecção da humanidade. Com seus raios de ouro elle vinha fazer corar o genero humano. Vinha mostrar-lhe o que succede aos povos que entregam a consciencia nas mãos dos tyrannos, que se deixam amputar a razão. Vinha aluziar a miseria, a demencia das gerações que haviam entregue o producto de suas fadigas ao ventre insaciavel dos sacerdotes.

E este dia, este dia de luz, foi o mais escuro que tem tido a humanidade!

A terra é uma mãe sempre productiva que dá tudo áquella que lhe dilacera o seio. Nada se pode d'ella obter sem luta. Prompta a vertir sempre thesoros, ella só permite que a força lh'os arranque do peito. Maternal e intelligente ella dá tudo ao trabalho e tudo nega ao ocio.

E os povos nos annos que precederam o anno 1000 haviam-se afastado da lei do trabalho. Á espera de um cataclysmo elles se tinham mergulhado no ocio. Haviam descurado a terra, e a terra—mã severa—ia dar-lhes o castigo de sua tremenda incuria.

E o cataclysmo que se esperava é substituido por outro:—pela fome! A fome! palavra sinistra que só o organismo animal pode comprehender! A fome—esse volcão que rebenta no seio do homem, esse incendio crepitante que dilacera os órgãos, que transforma o ser humano n'uma entidade bestial. A fome? Oh! vós que nos lêdes não sabeis o que a fome! A fome—essa embriaguez do estomago que transforma o homem em anthropophago! A fome, esse flagello que só pode supportar a comparação com o sacerdote!

E a humanidade depois do anno mil teve fome. Fome, que a dilacerou, que a despedaçou. Fome, que a fez cannibal,

Fome, que transformou as mães em algazozes dos proprios filhos que ellas devoravam. Fome, que fez com que o homem buscasse o sangue de seu semelhante para beber-o como fazem os ligres. Fome, que transformou o ser humano na peor das feras, suplantando-lhe toda a razão no baratho de uma crueldade sinistra, de um cannibalismo atroz.

E o frade e a freira e o padre roncino, no recinto dos mosteiros, nas naveas dos templos, riam, riam, d'esta fome! Tendo cheios os celleros, tendo vinhu nas adegas, tendo os gozos á sua disposição, elles viam com o prazer dos abutres o genero humano revolver-se nas vascas da agonia. Essa fome tinha vindo engrandecer os conventos: tinha vindo dar riqueza á Igreja, tinha vindo colirir de poder o papado. Essa fome, que fizera do homem um cannibal, era uma necessidade para os ministros de Deus, que importava morrer o genero humano de inanição se o sacerdote tinha com que prover ás necessidades do corpo?... E tudo isto, toda esta maldade, toda esta torpeza, era feito em nome de Jesus!

De Jesus que morrera nas mãos dos pharizeos, dos pharizeos que mais tarde iriam servir-se do seu nome sagrado! De Jesus, —esse martyr sublime, que queria que o filho do homem tivesse onde repouzar a cabeça! De Jesus, que chamara ao pão e ao vinho, repartidos em commum, seu corpo e seu sangue, como para mostrar a essencia de sua doutrina que era—tudo os homens igual direito têm á vida! De Jesus que jamais pensara lá na pequena Judeia que no porvir seu nome serviria de egide ao maior dos monstros que tem devorado os povos—á Igreja Romana!

E contudo não ficou n'esta fome a astucia do sacerdote. Achou tão bella a tragedia que quiz ainda levá-la á scena. Repletou-a.

Ides ver como.

Os povos no anno 1000 pasmos ficaram e cheios de indignação quando pelos factos conheceram a falsidade da prophécia Apocalypica. Voltaram-se contra o sacerdote e disseram-lhe: Para que nos enganaste? Para que te serviste d'essa frade para haver o que é nisso. Não vós?—A terra está como d'antes. A tua prophécia mentiu. Nada presagia o fim do Mundo.

E o sacerdote repondeu-lhes: Meus queridos irmãos, foi um simples engano na interpretação da prophécia. Esses mil annos, de que tratam os sagradas livros deviam ser contados, não desde o nascimento de Christo, mas desde a epocha em que elle começou a evangelisar. Foi um erro humenso em que cahimos. Mas tambem de que servé caril-o? D'aqui a trinta e dois annos consumma-se essa prophécia terrivel. Vêreis, meus filhos, como o Christo virá sobre as nuvens julgar a todos os homens. Tremei da sua justiça! Elle vos reserva castigos para vossas faltas. Procurai expiar vossos erros, soffri com paciencia os vossos males, respeitai os ministros da nossa santa religião. Dai vossos bens á Igreja-Catholica e o Senhor que liga e desliga no ceo tudo o que ligamos ou desligamos na terra, vos perdoará as vossas faltas, os vossos peccados, os vossos crimes, e vos dará a suprema bemaventurança. Fazei o que vos digo senão... tremei das penas do inferno!...

E, quem o diria! o povo tornou a creer no sycoplanta. Mais uma vez entregou-lhe o fructo de seus suores. Tremeu das penas do inferno. Teve medo de Satan, elle que se entregara pés e mãos atados á legitima representante do mal—á Igreja Romana.

O anno 1032 veio finalmente. Raio como raíam todas as naves. Tornou a aflumiar as miserias da humanidade. Tornou a ver a fome negra e esqualida absorver os organismos. Vio-a desenterrar cadaveres para alimentação dos pallidos espectros que tinham a configuração humana. Vio-a matar, destruir, assolar a Europa inteira, e no alto d'esse quadro sinistro viu o frade rir, rir, no mosteiro, e a Igreja tripudiar na orgia. Vio o homem succumbir nas torturas, vizo a Igreja nadar na opulencia.

E o anno 1080 e o anno 1032 iam ficar inscriptos no livro da historia para vergonha do ser pensante que se chama homem, e para execração d'esse negro canero que responde ao nome de sacerdote romano.

—O sacerdote romano um canero! Oh! não o digais. Elle é um ministro do Christo!

—Calá-te povo! Em todas as epochas has applaudido a teus oppressores! Eras tu que nos amphitheatros applaudias aos despotas que entregavam teu semelhante ao ventre esfamado dos leões. Foste tu que ajudaste os phariseos a crucificar a Jesus. Foste tu quem contribuiu a estabelecer essa infame Igreja que te escravizou. E hoje és tu que renegando os principios de noventa e trez, ainda vens deffundir teus oppressores. Povo! só homem uma vez. Pensa no teu passado e procura ser livre. Não o serás em quanto o sacerdote existir. D'esses sacerdotes o mais erui é o romano. Elle é um canero. Mata-o antes que elle te forge novas cadeias. Elle não é um ministro do Christo. Christo queria a liberdade, e elle só aspira á escravidão. Olha para Roma e vê esse monstro moral que o dirige. Vês?

—Vejo o Papa.

—Sim, o Papa, o chefe d'essa corporação d'impostores barbaros e cruéis que fizeram aos avos morrer a fome nos annos 1000 e 1032.

Ghria sobre as cinzas d'esses martyres de quem descendes e jura vingal-os. Mata esse absurdo religioso que se chama Igreja.

Deixamos acima tracado um quadro sinistro. Um dos mais betricos que se veem na grande galeria da historia. Olhai bem. Elle é uma lição enorme para os povos que se deixam torturar pelas religiões.

Estais no seculo doze. N'essa epocha de luz em que a sciencia jorra clareões. Approvetai as lições do passado. Ponde um dique ás pretensões do sacerdote romano.

Entre o passado e o presente podeis-vos ameaçando ainda o futuro. Tremei da sua atreção. Elle tem ainda a força, a audacia, de lutar abertamente com o progresso. Semha sempre o dominio universal, e todos os meios lhe são bons para o conseguir.

Instrui-vos para o poderdes vencer. Oppondo-lhe á astucia—á sciencia. Paldoleis succumbir. Elle é filho do erro. Elle morrerá ante a luz da eterna verdade: os vampiros temem a claridade do sol.

Afastai da vossa mente a noite da ignorancia. Haja luz no tumulto do vosso pensamento.

Seja essa luz—á sciencia.  
Com ella matáreis o sacerdote.  
Manuel Augusto

### O perigo social.

A *Civilização* reza no artigo de fundo do seu penultimo numero que todos os homens reflectidos reconhecem que a ordem social está abalada e perturbada de modo assustador; que ha uma vasta conspiração subterranea e universal, que traz acietado e inquieto o mundo; que por toda parte ha extraordinaria explosão de olhos satanicos contra os dogmas, as instituições e os Ministros da Igreja Catholica que por toda parte refervem ruins paixões em roda das instituições politicas que por toda a parte rompem interrupções contra o que ha de mais augusto e santo sobre a terra!

Felizmente tudo isto é verdade! Sim! ha uma reacção geral! mas não devila no espirito satânico, que essa é uma simples imitação da Bíblia Indiana, porem no espirito revolucionario das gerações modernas que desejam haquer com o antigo mundo da metaphisica para, nas ruínas d'esse edificio o throno das sciencias positivistas e governar a humanidade por meio da verdade provada.

Esse antigo regimen que diz a *Civilização* ter desabado—essas antigas dynastias succumbidas; esses thronos esboçados; esses reis vergonhosamente capitulados—caíram, porque fatalmente tinham de cair á luz da idea nova, caíram porque eram incompatíveis com os solidos progressos da intelligencia; caíram porque a humanidade instruiu-o, porque o trabalho nobilitou-se, porque Deus prendeu os raios e Satanaz quebrou os cornos.

Esse que a *Civilização* chama de—singular vertigem que se apoderou dos homens, esse trabalho interno de demolição que está sadapando os alicerces da sociedade—isso é a revolução! isso é a reforma!—isso é a luta do espirito moderno contra as trevas dos seculos passado. Isso é o fermento do sangue das cruzadas, isso é o fumo das fogueiras da Inquisição, isso é arranco dos escravos; isso é o grito da humanidade que jazia opprimida e aviltada—isso é o brado de liberdade! isso é o progresso!

Sim! é preciso desmorrar! é preciso destruir, para fazer de novo!

O nihilismo na Prussia, o socialismo na Alemanha, o radicalismo em França, o carbonarismo na Italia, são igualmente meios de que a humanidade se serve para destruir o passado e preparar o futuro.

Não bastam meias medidas—é preciso queimar a chaga até o fundo, destruir até o ultimo verme, para que elle não reapareça mais tarde minando o novo edificio—é preciso arrazar tudo—porque tudo está contaminado como o supposto numero de que fallou o legendario Moises na Biblia.

Pergunta a *Civilização* em nome do conde de Sanodices, qual é o fundamento da sociedade em geral e da sociedade em particular, que se chama familia.

—Nós respondemos ao curioso conde—esse fundamento é o trabalho e o amor—bases da dignidade e do respeito da independencia e da paz.

Pergunta mais qual é a consciencia que



hoje esteja tranqüilla e sãida que é respeitada a sua liberdade?

—E a consciencia do homem de bem, do homem útil, que escolheu uma causa para se sacrificar, uma idea grande para se dedicar de corpo e alma e a favor da qual não desdenha expor a vida, o futuro, a liberdade!

Pergunta ainda a *Civilização* «qual é a causa do estado anormal em que nos achamos, da crise permanente que atravessamos? a causa desse efeito que todos vemos, que todos sentem, que todos denunciam, que todos, por assim dizer apalparam?

—A causa unica de tudo isto é termos sahido da ignorancia bruta e do platinismo em que viviamos, a causa é o grande desenvolvimento scientifico—são as experimentações biológicas, são as descobertas químicas e físicas, são o conhecimento das forças que promovem os phenomenos meteorológicos, biológicos e sociológicos.

A causa dessa crise é podermos hoje explicar por meio da sciencia, fria e calculada, todos os phenomenos naturaes, que antigamente serviam de arca aos reis e aos padres para nos aterrar, nos embriutecer, nos escravizar e afinal sobrevivermos a gola o preciso sangue!

A causa dessa crise benedicta, que nos arrasta para a liberdade universal e nos promete a grande confraternização da humanidade é já não termos medo do inferno, é havermos perdido completamente o velho respeito aos trovões, é não acreditarmos mais que a morte é um castigo de Deus; é termos arrancado a nossa consciencia das mãos do confessor para fazer della o juiz inflexivel de nossos actos, é finalmente estarmos convencidos de que, para ser um bom cidadão e cumprir dignamente com todos os deveres, que a natureza impõe ao homem para que seja feliz e útil ao seus semelhantes, ninguém precisa ir a igreja bater nos peitos, fazer penitencias, usar cilícios, raspar pejus e beijar assuafamente o anel do respeitavel sr. Bispo.

Quer ainda mais a *Civilização* que a igreja seja «a grande escola do respeito a autoridade» e dá isso como a razão porque o odio dos demolidores mais se assenda contra elle.

Sim! sim! a tal escola do respeito a autoridade não é mais do que a escola do servilismo, da bajulação, do aviltamento, da humilhação.

Deixemo-nos de hypocresias— nós não admitimos respeito senão aquelles que provarem inquestionavel superioridade aos outros homens fornecendo-lhes meios de progresso e civilização—ampliando-lhes a industria, facilitando-lhes a vida, instruindo-lhes o espirito, educando-lhes o caracter na altivez e independencia da individualidade, para poder supportar com energia e orgullo as rudezas do trabalho e saber comprehender esse menço amor por seus semelhantes.

Christo, o mais bello exemplo de dignidade e amor proprio, humilhou-se, sim! mas foi para chegar a nós—nós precisamos erguer-nos para chegar a elle!

Concluindo, arrola-se a *Civilização*, como unico remedio contra a grande crise que ameaça absorver todo o mundo «Restaurar o respeito á autoridade religiosa, dar o governo aos Bispos meios para formar um clero instruido e moralizado. Crear-se uma universidade, for-

tação moral de boa doutrina para combater as deploraveis erros que se vulgarizam.» (\*)

Mas para chegar a tal fim, saiba a *Civilização* que seria necessario levantar do lixo a Inquisição e tentar o que ella não conseguiu—queimar todos os escriptoras, matar a flor do pensamento humano, extinguir todos os tratados de sciencia moderna, destruir os prelos, as machinas, as officinas, quebrar os apparelhos de trabalho, tirar a engrenagem das rodas, arrancar a ferramenta da mão do operario e mandá-lo rezar para uma sacristia.

Era affinal preciso levantar uma igreja em cada canto nas ruínas dos theatros, das escolas, das fundicões, dos *collegios*, e bradar com uma voz terrivel a humanidade, quando viesse pegar no seu trabalho.

—Para traz! para traz! corja de escravos! recua—candua!

### A Igreja Romana e o Clero Catholico.

(Continuação).

«Oremos.»

«Assisto-vos, Senhor nosso Deus, e delendo com perpetuos auxilios aquelles que confiam no sustentamento da santa cruz. Por Christo Senhor nosso. Assim seja.»

«Então o officiante abençoa no quadro e a todos os que estão presentes com a mão direita, formando o signal da cruz, e dizendo:»

«A benção do Deus Omnipotente, do Padre, do Filho e do Espírito Santo, desça sobre esta casa, sobre todos os habitantes, escriptores e operarios dentro d'ella sobre nós todos, e permaneça sempre. Assim seja.»

Aqui se termina a sexta e ultima das orações constituintes da benção episcopal maranhense, impetrada sobre a casa, —sobre a *machina typographica*, — sobre os habitantes, etc. etc.; não se distinguindo esta ultima redacção das precedentes, senão por manifestar que o espirito de compositor já estava excessivamente fatigado. Já era tal o seu cansaço, que nem mais se importou com a orthographia, deixando até em duvida se era o officiante que abençoava com a mão direita, ou se eram os assistentes que estavam presentes com a mão direita. Era muito natural o cansaço em quem se tinha julgado obrigado a redigir meia dúzia de orações para tres assumptos, não obstante acharem-se todos tres, por vezes, comprehendidos na mesma.

Todas estas orações, componentes da benção latino-episcopal, se acham terminadas, como por estribilho, *Per Christum Donicum nostrum*, notando-se que este estribilho, essencialmente *complemento circumstantial*, se acha isolado, constituindo só por si um periodo, não se podendo, portanto, saber qual o pensamento, em particular, que deve completar.

E tambem a primeira vez que n'esta redacção de benção apparece *Quisipotes* (o principal dos attributos de Deus) escripto com inicial minuscula; sendo estranho que só o fizesse d'esta vez e

não sempre, como era de esperar de quem já mais vez se mostrou formalizado por ver o nome *egreja* escripto com inicial minuscula.

Presumo que tambem o typographo não ficou menos fatigado de typographar esta pallhada, bem como o revisor de a corrigir, e por isso deixaram passar, n'esta ultima oração *sancto* por *sanctis* (concordando com *crucis*), e mais abaixo (entre parentheses) *benedict* por *benedicti*. Isto porém comprehendese que só se deu por lapsos typographicos; mas não está no mesmo caso *benedicti* regado dois dativos *confiantes*, — *confiantes* e *confiantes*, porque, nem *benedicti* pode reger *dativos*, nem isto é erro que, sendo duplo, se possa attribuir a typographo. O que isto prova é que a benção foi primeiro composta em portuguez para ser traduzida em latim, e que o compositor a verteu tão literalmente, que não se traduziu palavra por palavra, mas tambem reproduziu em latim o mesmo genio da phrase portugueza.

Não era tambem de necessidade philologica que *desça* fosse precedido de *venia*, para que se pudesse entender que se fallava da *mão direita*. Logo que a *mão* não pode deixar de figurar em qualquer sentido de oração em que entre como instrumento, em latim basta denotá-la por *dextra*; e fallando-se do signal da cruz n'uma benção, está entendido que é com a *mão direita* que elle se faz, nem, n'este caso, por *dextra* se pôde entender outra coisa.

Se se pode julgar de favor com que seria ouvida, de tão alto, semelhante benzedura por appello com que foi inspirada, muito desfavoravel não pode deixar de ser o juizo! Confesso que, em lingua de *meus*, nunca vi tanta saburra latina; e não acho tão admiravel a ousadia do curioso, tão presumptoso como insipiente, que se poz a compor este latim de palhas albas, nem mesmo a imprudencia de todos aquelles que convieram na sua publicação, como que S. Exc. Revm. lhe puzesse o seu selo episcopal, dignando-se tambem mascala, officiar na cerimonia! Não quero dizer com isto que a *machina typographica* merecesse uma benção de redacção mais esmerada; mas—que, se S. Exc. Revm. tivesse a consciencia do grão de consideração que se deve ao soberano Ser dos seres, não teria tão levemente acertado, semelhante genero de petição, que só a bondade divina pode relevar á fraqueza mental, ou perdoar á imbecillidade! Semelhante formula e redacção, de benção episcopal, só servem para attestar a ignorancia e insipiencia de todo o pessoal do bispo; e sendo assim que se mostra tão publicamente ingrossa, que conceito se pode fazer da capacidade do clero da igreja romana, no Maranhão, para desempenhar a alta missão de decretar *a luz da eterna verdade*?

Toda a para doutrina de Jesus Christo se acha exclusivamente esgarçada nos livros do *Novo Testamento*, adoptados pela igreja romana na traducção latina—Vulgata—por S. Jeronimo. Para que se a possa comprehender em toda a sua pureza é, portanto, indispensavel ter pleno conhecimento da lingua em que se acha escripta, se não na fonte original, pelo menos—n'esta fonte preferida; e tanto é isto uma verdade reconhecida, que na igreja romana a ninguém é permitido ordenar-se sacerdote sem previo conhe-

cimento do latim. Como poderão pois estar habituados, para ensinar e explicar esta doutrina, individuos, que mostrem tão pouca pericia n'esta lingua, que cheguem, não só a citar como lei justificativa uma lei condemnatoria, mas—tambem a implorar, em sarro de lingua latina, a benção do Altissimo—para *derrocare a luz da verdade eterna*,—verdade que não lhes é possível comprehender, e *luz* que não poderiam supportar nas suas retinas de curuja!! Eu já sabia quanto a ignorancia se pode apresentar atrevida;...mas o que ainda ignorava é que a latina pudesse inspirar, aos seus protegidos, tão revoltante cynismo!—Será permitido ao sacerdote da igreja romana abusar do prestigio da sua latina para illudir a simplicidade do vulgo, como o caloteiro abusa da *palavra de honra* para enganar o incauto assaz sincero para não desconfiar de tratantadas?

Não é pela linguagem da impostura que se revella o respeito para com Deus, nem é tão pouco em semelhante linguagem que se deve esperar sejam attendidas as supplicas que lhe forem dirigidas. A redacção d'esta benção episcopal foi um laborioso parto da impostura ecclesiastica, e o feto não é tão pouco defeituoso que possa inspirar grande confiança nas benções do céu para que medre. Foi uma amalgamação de palavras latinas e alatinadas, feita para illudir os parvos; mas, embora seja maxima jesuitica que *as fides justificam os meios*, ha excesso, na falta de respeito para com Deus, em empregar o pretexto das benções do céu como meios para illudir os fiéis. Em semelhante caso parece-me que, se viesse ter á casa da *machina typographica* um anjo enviado do céu, seria antes para ordenar aos operarios que se retrassem, e tratar os escriptores como out'ora o Christo tratou os vendilhões que faziam do templo casa de negociação.

Não pode haver a minima duvida de que a redacção d'esta benção original foi uma impostura premeditada para ostentar *sapientia latina* nos redactores da *Civilização* ecclesiastica. Havia pouco tempo que, n'uma questão de irmandade religiosa (a de Santo Antonio de Lisboa) um officioso catholico tentou defender um acto d'arbitrariedade de s. exc. revm. o sr. Bispo diocesano, citando indevidamente a seu favor um artigo da «CONSTITUIÇÃO ECLESIASTICA» estabelecida pelo papa Clemente VIII. Passada a epoca da festa, fez-se-lhes ver, com argumentos irrefutaveis, que essa lei, longe de justificar o exm. sr. Bispo, pelo contrario, condemnava o seu arbitrio em tudo o que tentia a atropellar os estatutos. Nenhum perito do direito canonico se apresentou a contestar a replica, porque nenhum achou refutação possível á negativa; e o clero, cortêsão do bispo, que vio abalado o seu credito em emblecimentos de latim, tratou de o restabelecer por algum meio indirecto, já que por meios directos isso não lhe era possível. Fez idéa que foi assim que discorreram: *Este porci porci mais entendo de latim do que de grego; mas conven-mos que elle nos tenha pelos nossos perdidos n'esta lingua, e o silencio em que ficámos depois da prova da usucirra, que fizemos, de citar tão mal a proposito aquella innocente lei, pode metter a nossa pericia em duvida, e comprometter a nossa reputação de escriptores latinamente illustrados. Fazamos uma coisa: como*

\*) Estas palavras levam nos a crer que antes da substituição do clero não será moralizado.

a nossa machina typographica está a chegar, tuitaquemol-a por um cerimonial solenne. Que a unia perita d'entre nós empunha uma bexiga, em latim, para esse acto; e logo que se vir o sr. Bispo a officiar, e que a bexiga apparece impressa, ninguém poderá já daverda da pericia de quem compõe bexigas episcopales em latim, e por consequente ha de se dizer que, se nos calamos sobre a replica d' defensão do sr. Bispo, não foi por não termos entendido a lei, mas sim porque ossim nos conuinha.

Quando ás vezes fallham os calculos fundados nos melhores principios de probabilidades, é muito natural que fallhem aquelles que não assentam senão em ridiculas presumpções. Os sacerdotes da igreja romana, que redigem a «Civilisação» ecclesiastica, reservem todo o latim, que sabem, exclusivamente para o uso da igreja, na celebração das cerimoniaes do culto. Recitem o seu breviario, e citem os textos sagrados nos seus sermões, que é o mais que podem fazer, e ninguém lhes levará a mal que empunham o seu dever como podem, porque ninguém é obrigado a fazer mais do que pode; mas não levem mais longe as suas aspirações latimicidas, por que agora já podem conhecer que isso seria toleima. É um conselho que lhes dou, e que não vale menos que um conselho de amigo, com quanto não lhes deua simultânea attenção. Alguns dos da sua corporação, e classe, serviram-se do prestigio da bafina para evitarem que eu podesse empregar o meu pouco prestimo no ensino d'esta lingua, aprovegando particularmente a minha incapacidade para dirigir esta disciplina, e isto sem que podessem ter a minima idea dos meus conhecimentos n'esta lingua. Pois bem! já que trataram de inculcar no espirito do publico que eu era muito ignorante n'esta materia, fazendo-me assim passar por um vil especulador que só pretendia explorar a ignorancia em sua exclusivo proveito, seja-me permitido agora provar que esse espirito de vil especulação, se existia, não era da minha parte. Contentem-se pois com o seu triumpho pelo lado dos interesses pecuniarios que têm autorido, visto que, pela minha moderação e paciencia, me tenho resignado a passar sem abrir aula de latim; mas agora, que tenho já renunciado definitivamente a simultânea pertença, e que portanto não posso já ser suspeito de vistas de sordido interesse, heido pelo menos rehabilitar-me perante o respeitavel publico, de que muito apreio o conceito favoravel. Bem se vê pois que não me inspira esta conducta o desejo de dar aos meus gratuitos adversarios uma prova de quando estavam enganados (que isso não vale a pena), mas sim o de dar uma prova, tão publica como evidente, de que, quando ha perlo de dez annos annuncií que podia ensinar latim, não o fazia como impostor que tratasse de explorar a ignorancia, especulando com a boa fé da sociedade. A isto é que não renuncio por consideração alguma; e fiquem sabendo os srs. Redactores da «Civilisação» ecclesiastica que todas as vezes que vierem sujar a imprensa jornalística com os seus escarras de latim rançoso, não me punparei a estorço para, n'esta parte, manter a tribuna na devida decencia, dando-lhe as convenientes lavagens.

Maraúão 7 de setembro de 1880.

Maciel.

**Vós e o Malho.**

O—Malho—chronica mensal do movimento maranhense, acala no seu primeiro numero de ter a delicadeza de se occupar com o «Pensador».

Bem haja ao fillo, sr. João Alfonso, por se dignar tratar da nossa humilde individualidade jornalística. . . Devemos ser-lhe gratos por esta manifestação franca do que pensa a nosso respeito. S. s. soube pensar a proposito do «Pensador». É uma cortezia que lhe devemos.

Temos porém que fazer-lhe algumas observações. S. s. deu-se ao trabalho de nos traçar um programma. Esse programma não está d'acordo com o titulo sob o qual s' imprime o nosso jornal. Cumpramos portanto mostrar que o «Pensador» na sua individualidade não foi bem comprehendido por s. s.

E é isto que vamos fazer.

Ser pensador, diz s. s., é ser calmo, polido e reflectido. Permitta que lhe digamos: errou. Ser pensador é simplesmente ter ideias e combiná-las. A calma, a polidez, a reflexão, são apañagio não do pensamento, mas do raciocinio. Pode acaso haver calma para quem pense?—A calma seria a estagnação. Pode haver polidez?—A polidez é propria de tudo menos do pensamento. Pode haver reflexão? Mas a reflexão é o resultado da cogitação sobre ideias de outrem. E quaes são as ideias alheias sobre as quaes devemos reflectir? Diga-o s. s. para que possamos comprehendel-o.

Ser pensador é ter abertos ante os olhos todos os horizontes que o espirito humano pode deavassar. Ser pensador é procurar por todos os meios fazer rebentar ideias do cerebro humano. Ser pensador é mergulhar no passado, no presente e no futuro em busca das grandes verdades que o Universo guarda ao homem. Ser pensador é ser honesto, finalmente, e ser honesto é assumir todos os aspectos d' esse ser zologico bipede que tem por arma—a razão.

Foi comprehendendo esta grande verdade, foi estudando este vasto programma, que o «Pensador» admitto em suas columnas artigos de diferente natureza. Não quiz a uniformidade porque a uniformidade no pensamento seria logicamente um disparate. O «Pensador» é orgão da sociedade moderna. Comu todo o orgão representativo elle deve apresentar a sua constituição tal como ella é. A sociedade moderna não é calma, não é polida, não é reflectida, é pelo contrario uma sociedade toda em agitação, um oceano em que todas as ideias se revolvem. Pedir calma ao representante d' essa sociedade é forçal-o a mentir á sua essencia. Pedir polidez a este oceano equivale a querer por meio de fixa por liza como um marmore a superficie do mar. Pedir reflexão ao improviso do pensamento, é manifestamente ignorar o que seja pensar.

Mui bóa é a ideia que formamos do sr. João Alfonso. Muito o respeitamos como escriptor. É pena porém que seu espirito não corra ás vezes parellas com sua pena. S. s. foi pouco calmo, pouco polido, não pouco reflectido quando tratou do «Pensador». Quiz á primeira vista decidir sobre nós, e traçando-nos um programma todo phantastico julgou que faziamos inconyegavelmente errado. Ah! é que está o erro de s. s. Comprehendeu mal a palavra «Pensador» e quiz-nos res-

ponsabilisar pela interpretação toda metaphysica que lhe deu. Julgou que a palavra pensador era synonymo de calmo, polido e reflectido, e desenhon-nos mal a individualidade.

O dever especial de um pensador, n' um secolo como o nosso, é pensar para todos. É tratar de todas as ideias que podem atrahir a attenção d' essa grande creanga que se chama povo. É por-se ao nível de todos. Subir com o philosopho quando for preciso. Descer com a popular quando for necessario. Pensar é ser entendido de tudo e de todos. E para ser entendido é preciso—ser vario como são os intellectos. É preciso descer dos picaros da sciencia até ás realidades as mais simples da vida humana. É ter pensamentos que se occupam das grandes cousas, e um ouvido que perna com os ecos da rua. É ser appetito para os paladares finos, e ser sensaborão para os estomagos estragados. É ser, enfim, o fillo d' este secolo das antitheses; d' este secolo que só quer a realidade.

E depois, pensemos bem. Ser pensar é occupar-se exclusivamente das grandes cousas, malhar em ferro frio deve ser exclusivamente malhar em ferro frio. Isto é simples e naturalissimo. Mas malhar em ferro frio será vir doutoralmente prescrever-nos um programma? Cremos que não. Um malho em ferro frio não pode nem deve ter pretensão, senão a de fazer callos na mão que o estupinha. Um malho não pode ser se não um destruidor (mesmo de ferro frio) e traçar programmas não é metter pessoa alguma entre o martella e a bigorna. Traçar programmas é dar leis á outrem e dar leis á outrem não é malhar em ferro frio.

E depois d'iffirmes com franqueza se pensar deve ser exclusivamente em cousas grandes, pensar não é o apañagio de toda a humanidade. N' esse caso tambem s. s. não pensa, porque se occupou de nós. E nós não somos a grande coisa. Temos a franqueza de confessal-o, o que de certo não é lisongear-nos.

Vamos a suppar por um momento que adoptavamos o programma do sr. João Alfonso. Vamos a suppar que iamis escrever sobre anthropologia, biologia, geologia, philosophia, sociologia, etc. O sr. João Alfonso seria o primeiro a deixar de ler-nos, convicto de que iria encontrar essas materias muito melhor desenvolvidas por escriptores de merito, seria o primeiro a rir da nossa louca pretensão. Então é que poderia malhar em ferro frio, porque na verdade nós representariamos um triste papel sobre a bigorna. . . .

O «Pensador» é um jornal totalmente despoído de pretensões. Pensa em tudo, porque é dever seu em tudo pensar. Occupar-se ha de sciencias sempre que for preciso. Tratará de insignificancias quando assim for necessario. Seu programma é pensar, e pensar é ser grande e pequeno segundo a natureza das ideias.

Se o «Pensador» tem ferido a individualidades, é esse um crime tão desculpavel como o da historia. Se a historia se occupa dos grandes movimentos, trata tambem d'aquelles que os imprimiram. É um jornal é uma historia contemporanea. Tem por dever ser a synthese do movimento actual. Esse movimento não pode ser bem comprehendido senão pondo em scena certas individualidades. Dizel á historia que falta ao seu programma quando trata de frioleiras praticadas por qualquer monarcha. Dizel tambem que fal-

tauros ao nosso por tratarmos de um tanto e de seus sequizes.

E o que podemos dizer quanto á primeira censura que nos fez o Malho. Passamos á segunda.

Eflicivamente o «Pensador» não traz estampados na primeira pagina os nomes de seus redactores. Não é porém por covardia, e sim porque nós não miramos a celebridade. Se porém não est nupar nos os nossos nomes pode ter uma tal interpretação, desistimos de permanecer occultos. Vontá a celebridade já que outros não a desejam, e para prova de que estamos dispostos a colher esses louros lá vai o nome de um dos redactores para fim d' este escripto.

M. de Behencourt.

**VARIÉDADES.**

**«Infamias do Frei Marrano»**

(Folio historica e antipapam.)

Erui duas as goatis ortuazinhas, que, na cidade de BELÉM, esmolavão cantarelado.

Loutras como espigas de milho sazoadas e lindas como mimos cherubins, erão Thereza e Sophia os enlúvos da população.

Ninguém lhes negava a pequena esmolinda, e todos a uma portavão em acerial-as.

Um dia, alma bem fazeja lembrou-se de protegel-as mandando-as para o collegio da *Patrução*, dirigida por irmãs chamadas de *Corvado*.

Galalhadas! antes fivessem morrido nessa occasião. . . . .

O meigo sorriso, que nunca lhes abandonava os purpurinos labios, fugira espavado ás negras portas do collegio cançava!!!

Aquelles cerebrosinhos—até allí repletos de illusões tão fagueiras, e agora obliterados pelo fatalismo e pedados de doutrinas falsas e perigosas—só tem um unico pensamento—a negra e tétrica figura do padre confessor!!!

Era Frei Marrano o director espirital d'aquelle ANTO SEPARD, criação maldita do *Genio Sabaotico*!!

Padre ainda mego de estatura baixa e reforçada, olhar obliquo de indio traço-curo e carvão largo e curvo de touro de corrida, tinha João Marrano todos os *predios indispensaveis* para bem dirigir almas infantis!!!

Filho de S. S. S. conservava intactas as *autossimas* doutrinas, allí bebidas á custa do inepto governo de então.

Ornudo de malfeitoras e assassinos, em nada desmentia a célebre raça: e tarimbeiro na infancia, manjavava, com maestria de actor consuetudo, desde a vij hypocrisia de *benévolo* sorriso, até o ex-nismo o mais despejado e nu!!!

Vasado no molde de Jacques Clement, mataria com a mesma facilidade, com que fumava o seu lavano puro!!!. . . . .

A presença das duas loutras crianças, desportava á *insaxiavel* luxuria do infame sacerdote, que, ao contemplal-as, dilatava as rubras ventas e estalava as mandibulas, qual tigre sedento em busca de preza!!!

De mãos dadas com a MADRE REGENTE, digna companheira do seus *continuo* tra-

\*) Assim chamão o Bispo de Belém.



balhos, tudo podia alli, o resto faria o confissionario.

Decorrerão sete annos.

A natureza havia cumprido o seu infatigavel dever.

A metamorphose estava feita, Thereza e Sophia erão mulheres.

Doas jovens pensadoras, de semblantes pallidos e fronte pendida, passeiavam separadas e retrahidas nos vastos salões do collegio.

A grande amizade que outr'ora as vinculára fóra substituida por calculada e mutua frieza.

O que daria causa a tão extranha mudança???

Medonho segredo cavára aquelle abyssmo fraternal!!!

Ambas culpadas, sem consciencia do delicto, aguardavão, sem mesmo saber porque, acontecimentos incognitos e extraordinarios!!!

O tempo, esse incansavel camuibeiro, esgotára o periodo necessario. Os sinais caracteristicos manifestarã-se... as duas infelizes ão ser mãis!!!

O confissionario fizera o seo dever...

Sabido que foi o facto, se bem que usem e viceiro no santo estabelecimento, a santa cirtude das santissimas madres abespinhou-se e em altos brados peião justiça e moralidade!!!

Bemida a communitade, repetio-se a infame comedia de todos os tempos.

Pedio a palavra Padre *Marrano* e em feza logica e eloquente prova a evidencia ser author do dudo crime Antonio o jardineiro!!!

Antonio, homem boçal porem de elevados sentimentos, nem se quer pestaneou perante tão negra alievozia!!! Não articulou uma única frase em sua defenza. Mirou por muito tempo, com ares de compaixão e desprezo, aquella sucia de padres infames e madres erapulosos, e sahio do estabelecimento sobraçando os dois recém nascidos, filhas do nefario Padre João!!!!

Mais tarde, enquanto Thereza e Sophia lavavão com lagrimas de fugo a vergonha da sua cruciante dor, Padre *João Marrano*, repoteado em macia poltreira, acompanhado da madre Begente, comia pão de ló fão e bebia vinho xerez!!!

EPILOGO.

Annos depois Padre *João Marrano* indispoz-se seriamente com a *Grande Sautanz*, por causa de uma escrútilosa preta miua que ambos requestavão, e fu ignominiosamente expulso de Belém, theatro de suas negras façanhas.

De Thereza e Sophia ignora-se por enquanto a triste desdão.

Sora *Poupador*.

ECHOS DA RUA.

Quem duvidar da veracidade d'estes echos diga, que deitaremos os pontos nos iii.

AOS COLLABORADORES.

O PENSADOR só ataca os tartufos da panellinha. O honrado clero, victima do ex-INFORMATA, esse lastima e respeta.

A *deidade malitta*, depois de maular

o moleque *Yego* insultar o commercio, chama-o agora RESPITAVEL!!!

—Cuidado logistas, os tartufos querem VESTIDOS PLADOS!

O Vigario de *Picucana* disse no PAIZ que O PENSADOR *podou* elle!!!

—Pois se podou não parece, porque está grosso como rôlha de garrão.

A redacção d'o PENSADOR nomeou uma commissão p'ra ngariar assignaturas para a *Civilisação*!!!

—Só assim será lida a *santo* collega.

D. *Gebeba*, p'ra não ver os PAUS DE SEBO da festa das Remedias, foi p'ra Villa do Paço, onde será hospedado pelos *curidados* de Frei Magriço.

—Antes fosse p'ra SIBERIA.

O Vigario de *Picucana* disse na sua correspondencia que já esteve no Oceano!!! Sãfa!!!

—E' tão bom que nem os *trahidos* o quizerão!!!

Frei *Tibaro* o *preguicoso*—apesar de *redactor*—continua no manso *mister* de afoixar as ventas com rapé.

—Cuidado, cada um p'ra o que nasceu.

O *rvd.* Frei *Osario* acontado pel' o *ex-xadon* transferio o *manotico* para as janelas do *Seamario*!!!

—Muda de vida frade, senão danos a denuncia.

No recolhimento forão prezas por oito dias, a pão e agoa, duas *gentis* meninas que commetterão o grave delicto de ler o PENSADOR!!!

—Que castigo merecia quem as metten em prisão?!

Em Santo Antonio n'uma das ultimas noites d'exercicios, estando apenas accessa a triste lampada do *centro*, *lão*, não obstante nos santos *livrinhos*, as *beatas* da *panellinha*!!!!

—Seria caso de sérias investigações *ocultisticas*, se não fosse tão caricato.

O jesuita Almeida confessou publicamente no PAIZ que é elle o vigario de *Picucana*.

—Sua alma, sua palma, depois não se queixe.

O sr. *Tudo*, que pelo nome não perca, andou ha dias agoniado procurando cruzes e veronicas para gente do *Coração*.

—Não hieraria mais este moderno beato se aprendesse a fazer bombas?...

Amigo, quem são aquellas matronas n'apparencia respeitaveis, que estão alli de vãos *brancos*?

—Ah! Ah! Ah! E' a *Zepha* e a *Mardi-ca*... não conhece?

—Realmente estes padres são capazes de tudo!!!

D. *Gebeba* e Frei *Magriço* encomendãro sacros de baeta p'ra tomar banhos no *centruca*!!!

—Como são judicos estes *donzeis*.

O perigoso *Aza negra* ja será Bispo para recitar predicas sentado no *SURBANE* DO ALTAR-MOR!!!

—E' muito audacioso este tartufo!!!

Será certo que, no dia 30 do passado, uma *ditosa* *recolhida* recebeu de D. *Gebeba* um raminho de *myosote*?!!

—Antoninho, Antoninho, não te mette em camisa de onze varas...

Movimento das templos.—Santo Antonio na ultima sexta-feira:

Table with 2 columns: Item and Price. Includes items like 'Beatas da boca molle', 'Ditas da popblanca', 'Grande chefe Page', 'Coração da dita', 'Jesuitas africanos', 'Ditos de raças mystas', 'Curiosos diversos'.

NB.—A porta estava o *Sao Pureza* com um cesto de cruzes e veronicas.

Logo que nos chegavam certos apontamentos darcamos nota circumstanciada das *Beatas da Pajapanca* e seus respectivos cargos.

E ficará o publico sabendo que, alem da *cheio* virvãna, ha tambem uma *nêda* e *gorda* *curiosa*.

Servas *lutevas*.

O *ual* de *matias* *casado* é, por isso a *Treadade* *malitta* determinou que, as *Beatas* da *pajapanca*, usassem todas de CAGETINHO.

D'accordo grita a *Vircoia*, mas para nãa um *curião*!!!

Sim, lhe diz D. *Gebeba*, e lá vai a Villa do Paço buscar *aquele* do velho *Peralos*!!!

Sora *Poupador*.

CHRONICA.

THEATRO.

Representa-se no S. Luiz um drama-lhão chamado—Os milagres da virgem apparecida—grossa palmeada em 4 actos e uma apothose, afora os quadros.

A peça não tem o que se lhe aproveite.

O publico porem, que tem sempre prompta a bocca para a escancarar até as orelhas de fronte das logos de bengalia e dos machinismos milagrosos, enchem completamente o theatro na primeira representação e continua ainda a lá ir para ver o sr. Eduardo fazer de diabo e a sr.<sup>a</sup> d. Ludegaria fazer de anjo.

Não censuraremos o emprezario por chamar a brasa a sua sarvilha—cada um cuida de si, e tolo é quem assim não faz.

—O publico gosta do máo—dêsse-lhe do máo!—O publico é um pedaço d'asno?—dêsse-lhe milagres de Santo Antonio e de S. Benedicto—Mas não podemos reprimir o desgosto, a raiva, a vergonha que nos causa essa preferencia que o tal pedaço d'asno dá á bovracheira.

Porque, no fim de contas nós estimamos o publico e damos-nos de vello a estragar cada vez mais o seu precioso paladar com pratos da forca dos milagres da tal virgem apparecida.

Ha bem pouco tempo representarã-se duas magnificas peças no nosso theatro—*Coração de paé* e *O Bastardo*.

E o publico o que fez?—bocçou. O publico deixou-se ficar em casa, e com isso deu de si a mais triste idéa que podia dar.

Quem quizer soltar meia dúzia de boas gargalhadas, ingenuas e claras, vá ao Circo Pavilhão ver a *criaçãda* fazer de gente séria—o que é muito melhor do que o que vemos constantemente por cá—gente séria-fazer de criança.

Recommendamos o typinho que representa—Joul Bull.

A' bordo do vapor que faz viagem de Vianna para esta cidade, uma senhora percebendo que o sr. Tancredo Ulysses de Mattos fia indecorosamente o nosso jornal, tira-se dos seus cuidados, faz o *pelo signal*, dirige-se com todo o *aplomb* áquelle cavalheiro e...zas, arranca-lhe das mãos o inspirado do inferno e arremecera com elle as agoas.

O sr. Tancredo, cego de raiva quiz vingarse, fazendo com a cuia daquelle senhora o mesmo que ella tinha feito com o seu jornal, porem felizmente conteve-o a delicadeza e contentou-se em referirnos o facto.

Pedimos a redacção da *Civilisação* que remetta regularmente o jornal ao padre Bento de Alcantara. Esse pobre homem queixa-se-nos de que, apesar de ter sido constrangido a entrar com 100\$000 para a manutenção de tal folha, ainda não recebeu um só numero, si bem que o tenha supplicado por varias vezes.

O sr. Braga publicou um folheto de cento e tantas paginas, com o titulo de—Estudos praticos sobre o Beri-beri.

Lemos-o e achamos-lhe muita graça. O sr. Braga é um homem muito bem intencionado, que só tem o defeito de soffrer de uma forte *berbermania*.

Para elle tudo e todos no Maranhão, soffreram sempre, soffrem e soffrerão eternamente de Beri-beri.

Os velhos, as moças, as crianças, os cavallos, os cães, os peixes, as capivaras, as moscas e as pulgas—tudo soffre de beri-beri e precisa quanto antes metter-se em *curatão*.

Mé os peixes, os pobros peixinhos soffrem da infernal molestia—só o sr. Braga e nós não soffremos.

O tratado do sr. Braga é uma verdadeira descoberta—é um systema, um principio, um processo tão engenhoso e ntil como as mathematicas.

Depois do sr. Braga tudo se prova, tudo se explica pelo *beri-beri*.

Pedro sente falta de appetite?—beri-beri; Paulo tem palpitações? O Cesar é sujeito a sercas? João cansa no passeio—beri-beri; faz não tempo—beri-beri; falta a chuva—beri-beri; a capivara manqueja, o sabá cantou, as finanças do thesouro vão mal—beri-beri; o bispo prohibe as festas de arraial—beri-beri; a companhia lyrica não vem ao Maranhão—beri-beri. Sempre beri-beri!

Nós apreciamos o louvamos a boa intenção que levou o sr. Braga a vulgarisar seus estudos e experimentações sobre uma molestia que come, dorme e passeia com nousco, com a nossa familia e com os nossos amigos.

—E' bom, é util, é louvavel, é escitativo!

Mas s. s. devia esperar que nós ou qualquer outra pessoa dissesse isto e não repetir tão amindadas vezes que s. s. é anjo de bondade, que anda por este valle de lagrimas a consolar viuas e socorrer desgraçados.

Outra coisa que tambem não approvamos completamente—foi misturar s. s. sciencia com religião. Quando a gente escreve um tratado pathologico não precisa declarar que acredita em Deus e que temoia ir no fim desta vida para o céu ou para o inferno.

S. s. andaria muito melhor si encarregasse alguém de desenvolver suas investigações scientificas, dando ao seu livro um caracter mais serio e acatavel.

Vão sem commentario as seguintes transcrições:

—Pag. 7—

«No dia seguinte tive desejo de ver o estado delles (os cavallos); encontrei o segundo morto e o primeiro no estado do segundo.»

—Pag. 8—

«Procedi a uma secção horizontal no terço superior, para observar o conteúdo do vacuo.»

—Pag. 9—

«Procedi ao exame do craneo (de um cavallo) cuja massa estava perfeita, sem um só signal congestional, nem derramamento seroso. Fiquei satisfeito por poder formar o meu juizo.»

—Pag. 10—

«Vinte dias depois estando em serviço, disse-me um dos trabalhadores, que passando por um pequeno lago, vio mover-se alguns pequenos peixes, e indo apalpa-los reparou que elles não se podião mover.»

«Com razão fui tocando-lhes com as pontas dos dedos (nos peixes) e debalde queriam mover-se.» (Aqui s. s. foi mais longe descobrindo a intenção dos peixes.) E assim por diante.

Porem nada do que fica escripto seria publicado si s. s. não terminasse o seu livro com as seguintes palavras:

«Si me censurarem com o ridiculo, com que costumão accommetter os zoilos injetos, acharei o mais salutar conforto na satisfação de minha consciencia, compadecendo-me do infimo d'alma d'aquelles que o mais desmarcado orgulho tem afastado do verdadeiro caminho que deveriam trilhar.»

Boas ou não, são estas minhas idéas; o publico que as receba, e Deus que julgue.»

Agora o Sr. Braga que nos explique quaes são os taes zoilos—S. S. ou nós?!

CARTA

Ao redactor do Malho.

Sympathico João Afonso.

Acabamos de ler o que dizes a respeito do Pensador no teu 1.º numero do Malho, cujo apparecimento saudamos daqui, apesar das caretas que nos fazes por um ozello do teu opusculo.

Com effeito olha que dizes ali umas taes cousas bem difficeis de ruer e, que si fossem ditas por outra pessoa, passaríamos a achar irreflectidas e disparatadas.

Exemplifiquemos!

1.º falando do nosso jornal, tu te limitaste a elogiar a sua impressão typographica.

2.º Bradas qua nós torcemos o nosso character e falsamos a nossa intenção.

3.º Qualificas galantemente o nosso jornal de—disparate.

4.º Afianças que não somos documentados, e que estamos sujeitos de má fé.

5.º Accusas-nos de inuteis.

6.º enfim—Para criticar a Pensador contentaste-te com julgar que os—echos da rua são chitros e indecentes.

Mas, que diabo! tu devias saber que os echos da rua anda tem com a redacção do Pensador, pois desde o primeiro numero declaramos, alto e bom som, que os publicavamos a pedido de um collaborador.

Por conseguinte tomando a parte pelo todo, tu foste injusto e insufficiente na tua apreciação.

—O Pensador passara e tu agarraste-o pelo rabo, e em vez de suspenderes o animal a altura de teu nariz e estudarlhe bem á cabeça e as outras partes do corpo, fôo curiosa achaste-lhe a cauda, que te contentaste em dar o teu parecer somente a respeito della.

Fizeste mal! erraste! porque nunca se deve julgar de um gato pelo rabo, como não se deve julgar do actor Santos pelos bigodes.

Propozi-te tratar do Pensador, tuísta, restricta obrigação de dizer alguma coisa a respeito dos bons artigos de fundo que escreve o nosso amigo Bittencourt e de dar o teu parecer a respeito destas sensaboranas chronicas, que ne impuz publicar, nao grado as promettidas catcadas do Sr. Padre Braga.

Ten silencio a respeito dos artigos da redacção quiz dizer que não gostaste delles, e para se declarar que não se gosta de um artigo é preciso apresentar a razão porque.

E tu nada disseste, João!

Deste a entender que não podias com um gato pelo rabo!

O que entretanto não impedio que nos aconselhassos, com certo ar pedagogico, que reprimissimos as explosões do nosso humorismo, nellessemo-nos na lamina a lamina aguda da granada e fossemos levar ao publico cousas serias, importantes, ideas sans, convenientes, verdadeiras; sobre pena de folha que nos chamámas—O Pensador passar a ser simplesmente—o disparate.»

Por aqui dizes que não tivemos ainda cousas serias, importantes e ideas sans e convenientes, o que vale tanto como chamarmos-nos de futeis e incongruentes. E tudo isto porque?

Porque deixamos escapar algumas risadas.

Ora, o facto de rir um borado não é tão perccunioso como tu o queres fazer—nos podemos rir e pensar successivamente. Creio até que para se poder dizer uma pilheria de alcance é preciso pensar um boradinho.

Si nós, que somos huigos e temos o nosso sangue e o nosso estomago em bom estado, commettemos um peccado em rir—tu, que não és velho, nem tens o prestigio da experiencia e do grande traquejo do mundo, commettes maior em nos apparecer de oculos pretentorios, uma patada no dedo e uma palmatoria escondida debaixo do robe de chambre.

Nada! larga a patada! larga a palmatoria, veste o fraque e vem rir com nós—Si nós somos ridiculos porque nos rimos—in estás mais porque queres affectar seriedade! E' boa!

Lembra-te bem que no frontispicio de teu opusculo escreveste:

Estes pequenos livros, simples e singelos, desambicionados e banhaes, não tem a presumpção da sciencia, nem se julgam armados com os instrumentos infallices da justiça. Enceyram apenas—a encycloedia da verdade.—R. Octógio e E. de Queiroz.

E como queres dar-nos lições e applicar-nos palmatorias?!

Não nos parece razoavel!

Por conseguinte, João Afonso, deixamos rir um pouco, e si fazes muito empenho que fiquemos serios, não nos voltamos por amor de Deus ralhár com uma voz furbosa de mestre-escola.

Terminas a nosso respeito reclamando de nós que aboliámos o pseudonymo e assignemo-nos com os nomes que recobrimos na pia baptismal.

E' justo, d'accordo—e tudo assim que, o Director destas linhas propozera, aos seus collegas, quando o Malho anda se achava em estado embryonario, quo fo, dos nós affrontassemos o publico com a cara bem descoberta e estampassemos os respectivos nomes nos logares competentes.

Mas não conseguio realizar tão louzavel intento, em virtude da modestia e não da covardia de sens borellogannos; e mesmo porque estavamos convencidos que os nossos nomes, de obscuros que eram, valiam verdadeiros pseudonymos; o que todavia não succede com o teu, apesar de não o termos visto figurar uma unica vez no cabeçalho nem em parte alguma de nossa estimavel noiva—A Flecha.

E ja que nos dá o direito de revelar-nos alguma coisa de ti—reclamamos que escrevas—João Afonso do Nascimento no frontispicio daquella interessante folha.

Estimariamos muito que os nossos collaboradores assignassem seus escrip-

tos, mas infelizmente não os podemos constranger a isso.

Quanto a quem te dirige estas fribeiras—não desdulará estampar aqui seu nome obscuro, com a condição de que não o reveles ao Padre Braga, porque esse bondoso sacerdote jurou quebrar piedosamente as costellas do autor destas chronicas, logo que descobrisse quem elle era.

Teu amigo  
Mazio Percebo

A PEDIDO.

Pedem-nos a publicação do seguinte:

Uma resposta a tempo.—Seulo em um dos admiradores do Diario do Maranhão, por ser, dos nossos, o mais noticioso-jornal, venho disenter um pouco com a Gcclisacão sobre o que diz no final da sua crónica dos peixes. Nega completamente o que diz quando afirma que o Diario estampou um artigo contra o Cruzeiro salvo se o artigo dos interesses catholicos considera ataque ao Cruzeiro o artigo em que o publico maranhense mostra ao Cruzeiro que foi incluido o erro por um correspondente apaixonado e pefe-lhe providencias.

O que me pareceo foi que houve, por parte do nosso antagonista, vontade de provocar rivalidades entre o Diario e o Cruzeiro e produzir oppos terrecas cõde pacificamente elles possessem pensar. E costume velho das honras de rampota.

Applique-se-lhe o que dizem: se isto serve como tática de guerra, não haera torvidio os caracteres dos que a puen em pratica. O articulista do Diario não aliena que o sr. Bispo fizesse isto ou aquilo, pois hem se sabe o quanto é diffilc provar-se uma asserção destas, mas serve-se da palavra—Salve-se—o que quer dizer—O povo diz—e como—Vox populi, vox Dei, elle ronta o que lhe confiam.

Seja como for, nem um nem outro prova o que disse; porem o que é certo é que o Diario não insiste em culpar a alguma e nem diz verdade alguma; como pois tirar-lhe o direito de ser escutado pelo publico? Cada um exponha as suas razões e o publico, juiz severo, dará a sentença. Sou de opinião que o illustre prelado não cumprim com os seus deveres, porque exortou-os e tentou suplantiar os poderes temporaes, e dispendido por não o conseguir, impellio a festa ecclesiastica; apesar deste incidente fez-se a festa no largo e a lictio aproveitou porque s. exc. rvm., deti licença para que a festa interna do X. S. dos Remedios accompanhasse a externa, embora, não querendo, assistir a esta última, vá dar um passeio pastoral. A respeito aos elogios ao commercio, nada direi, porque a habil pena do sr. Bittencourt, já mostrou, no «Diario» de 3 do corrente, a tática da Civilização. Lendo esta a pergunta—Pois quem é que se desviação desmarcavel neste caso? fiqui curio e perguntei a mim mesmo—Que caso? Isto por muitas vezes, e nada. Não vi nem vejo no artigo do Diario vontade de quererem desmarcalisar ninguém. E um especial favor dar-me uma paternal explicação—Ensinem ao ignobente.—

Não é motivo de metter o commercio em negocio de duas ou tres logistas, porque 2 ou 3 membros de uma corporação representam-na e no caso vertente elles são os exectores da vontade do commercio. A colliga quoria então que cada communicante fizesse um cofre, um programma, uma festa enfim. Ora... ora...

O que o sr. Bispo disse no despacho,

s) Vinte e tres annos. Moreno e carado, nariz grande e aquilino, olhos rasgados, e curvos e prestantulos, usa a barba raspada e um pequeno bigode de um chic pititresco; altura regular, cheio de corpo e esbeltas castanhas e lisas.

Signal particular—Traz constantemente uma grossa bengala de carvalho, de uma polegada de diametro e ferrado em ambas as extremidades.

A photographia achá-se exposta na redacção deste jornal.

permttindo a festa de S. José do Ribamar, todos nós sabemos e já o esperavamos de quem do pulpito affira inverlivos ao povo e chama-nos selvagens e etcete. O que não me cheyga a sociedade foi a explicação que, a nosso amigo diz já foi dada.

Nunca supuz que a Gclisacão fosse tão... Ora julguem lá—o que o sr. Bispo não quer é sujeitar sua autoridade a caprichos ridiculos, nem prestar a Heiligão a flux inconvenientes (nem bem a palavra). E então, é ou não insultoso dizer que sujeitamos a autoridade do Bispo a caprichos ridiculos e prestamos a religião ás inconvenientes. E que tal? Heu? Ora... Ora... Senhores...

Esteja descansado—minha amiguinha que o Diario não briga com o Cruzeiro nem o descompora, tão somente o hum senso dos redactores d'este jornal, fará com que o seu reporter—correspondente diga verdades e não macule a reputação do jornal, como pede o articulista do Diario.

Seria bom que um jornal—Orgão dos interesses catholicos não mettesse o nome de Deus em qualquer cousa e se lembrasse que—não para a santo nome de Deus—é do Decelego.

As paixões ruins são e forão sempre apaladas pelo clero para seus fins mysteriosos, como he-lo mostra a historia. E brado depois que—não é sciencia escrever em jornaes barbaes rancidos etc.

Para elles que são bom julgadores devemos dizer extingua-se o espirito da insubordinação em bons catholicos aha-se n'os estyros eannos para salvarmos do terrivel abyssmo em que nos querem alhar.

Atens; até breve.

Villa do Paço, 9 de outubro de 1880.

Ralluc.

EXPEDIENTE.

Temos a accusar a recepção dos seguintes jornaes: O Publicador Maranhense, A Flecha, Commercio de Curios e o Vagabundo, da provincia, O Telegraphico do Piauy, A Constituição, o Liberal e a Redenção do Pará, O Sergense e o Caballal do Ceará.

Agradecemos as illustradas redacções e enviámos-lhes o nosso Pensador.

Viamos obsequiadas com as seguintes obras: O Novo Glossario das palavras e phrases regionaes introduzidas na nossa lingua, importante trabalho do distinto advogado do nosso foro o sr. dr. Frederico José Corrêa. O nome do author já é bastante garantia para aquilatar-se o movimento da obra.

Agradecemos o exemplar que teve a bondade d'enviar-nos e felicitamol-o pelo relevante serviço prestado ás letras patrias.

Estados praticos sobre o bezi-beri e um appendice sobre os charcos bovi-bericis, catarrhos e coqueluches, pelo sr. José Francisco Vieira Braga.

Agradecemos o exemplar que nos foi offerecido e complimentamos o seu author pelo esforço que faz para ser útil a humanidade.

O Malho, publicação mensal pelo sr. João Afonso.

Agradecemos.

Em occasião opportuna estatuaremos o juizo lisongeiro qua a nosso respeito tem feito o journalismo do imperio.

Maranhão.—Impresso na Typ. do Frias.